

Mundo

OPERAÇÃO POLICIAL NO HAITI
Ação para liberar estradas deixa mortos
Região é reduto de líder das gangues "Barbecue", que pediu renúncia do premier



COMPASSO DE ESPERA

Moradores do norte de Israel veem ameaça em guerra ou paz com libanês Hezbollah

RENATO VASCONCELOS
FOTO: GABRIEL MONTAUDO/AGF/REUTERS

Israel ainda tentava organizar uma resposta coordenada à invasão do Hamas no sul e a população civil começava a entender a extensão do atentado terrorista de 7 de outubro, quando o céu do norte do país foi riscado pelo rastro de foguetes. Um dia após entrar em guerra com o grupo terrorista no poder em Gaza, o país estava diante de um segundo front no conflito, na fronteira com o Líbano e com a Síria.

Cinco meses passados da agressão inicial, a guerra no norte mantém-se em uma espécie de transe. Há troca de chumbo diariamente, mortes civis foram confirmadas dos dois lados da fronteira e comunidades inteiras foram esvaziadas. Em cada lado das colinas, a espera é pelo próximo movimento de inimigos conhecidos — desmuniadas, as Forças Armadas de Israel (FDI), do outro, o Hezbollah. Apesar dos bombardeios e escaramuças, a sensação geral é de que o conflito ainda está para começar.

— Estamos em guerra aqui [no norte], mas é evidente que o Hezbollah não está usando toda a sua capacidade contra nós, assim como as FDI não estão usando força total contra eles — afirmou a tenente-coronel da reserva Sarit Zehavi, ex-analista de inteligência do Exército e fundadora do Alma Center, centro de estudos geopolíticos.

Moradora de uma comunidade a cerca de 8 km da Linha Azul, que divide Israel e Líbano, a analista afirma que o ataque de 7 de outubro, lançado pelo Hamas, mexeu com a percepção de segurança da população israelense, criando uma espécie de paradoxo, em que acordos de paz, no norte ou no sul, assustam tanto quanto a guerra.

— O pior cenário para mim sempre foi o de uma guerra. Hoje, eu estou muito mais assustada com um cessar-fogo — disse Sarit. — Tenho medo de que sejas esquecidos. Tenho medo de que se assinem um cessar-fogo que permita ao Hezbollah manter suas capacidades e escolher a hora de realizar outro massacre.

ENTENDENDO A AMEAÇA

Quando o Hezbollah disparou os primeiros foguetes em direção ao território israelense, em 8 de outubro, porta-vozes do movimento descreveram a ofensiva como um gesto de apoio ao Hamas. Embora as ações do grupo xiita libanês não tenham evoluído, em comunidades da fronteira e nos centros de decisão em Jerusalém, naquela altura, a espera era por uma invasão nos moldes da lançada de Gaza.

Em Kfar Blum, kibutz localizado a cerca de 5 km da fronteira, na região da Alta Galileia, quase todos os moradores deixaram suas casas nos primeiros dias de guerra. Após uma semana, só



Tensão no ar. Judeus ultraortodoxos carregam fuzil durante funeral de família israelense morta por um míssil do Hezbollah; moradores temem que a diplomacia baixe autoridades baixarem a guarda

cerca de 25% dos moradores permanecem no local. — Quando nos vemos o que acontece no sul, pensamos em defender o nosso kibutz, mas não tinhamos meios para isso. Só havia uma arma disponível, e uma pessoa ficou designada de circular e defender a todos — disse o chefe de cozinha Yiftach, de 49 anos.

'PARTIDA DE PING PONG'

Em um movimento contrário ao da maioria, Yiftach e outros vizinhos que estavam fora do país no dia do ataque resolveram voltar para casa. Em contato com o Exército, o kibutz conseguiu armas e autorizações a criação de um "grupo de resposta rápida". 30 homens, a maioria reservistas fora de idade de recrutamento, compõem a força local.

O cenário que se seguiu não confirmou as piores expectativas — o que não significa que não houve uma deterioração das condições de segurança. Até 5 de março, 90 mil pessoas deixaram o sul do Líbano, enquanto 60 mil foram retiradas de 48 comunidades no norte de Israel. O Exército afirma que 11 soldados e oito civis morreram, enquanto dizem ter eliminado 300 milicianos e 5 mil alvos do Hezbollah no Líbano e na Síria.

O Ministério da Saúde do Líbano noticiou, até a data, 306 mortes, sendo ao menos 51 civis. O governo local ainda denuncia ao menos um ataque a um hospital em Adaiseh.

Embora tenham uma raiz comum, as crises no norte e no sul têm dinâmicas tão diversas que a percepção sobre elas é diferente tanto para civis quanto para militares. No sul e nas principais cidades,



como Tel Aviv, a pressão nacional sobre o governo para libertação dos reféns admite um compromisso para o fim do conflito em Gaza. A medida que se vai ao norte, a sensação é de que uma saída militar é inevitável.

— Alguns coiza vai acontecer. Só não sabemos quando e nem como — afirma Yiftach. No outro canto da sala de

começou ainda. Vai começar. Depois disso é outra história — disse o reservista, que trabalhava com segurança privada no México antes de voltar. Entre os militares israelenses, há entendimento de que o país está vencendo a guerra em Gaza, apesar da tragédia humanitária. Estima-se que apenas seis dos mais de 20 batalhões do Hamas estejam operando no momento e poucas são as ameaças reais no sul com a ocupação de Gaza.

No norte, por outro lado, o inimigo tem um poderio militar maior que o rival em Gaza. Estimativas de centros de estudos ocidentais apontam que o Hezbollah tem 60 mil homens, entre combatentes treinados da unidade de elite, as Brigadas Radwan, e "reservistas" — número comparável ao Exército regular do Líbano. Além disso, o grupo opera uma divisão de artilharia e foguetes que dispõe de cerca de 150 mil artefatos, entre morteiros, drones e mísseis de precisão. Alguns com alcance para atingir qualquer alvo em Israel.

De acordo com um funcionário do governo ouvido pelo GLOBO em anonimato, o comando militar israelense trata a ameaça do Hezbollah, neste momento, de forma independente da Hamas. Uma vez que considera que o lado libanês viola a Resolução 1701 do Conselho de Segurança da ONU, que determina a desmilitarização do sul do Líbano, o cessar-fogo em Gaza não garantiria o fim das ações na frente norte, que na avaliação militar estão cumprindo a função de diminuir as capacidades ofensivas do inimigo na fronteira.

— Toda a situação é muito preocupante, porque após cinco meses de guerra, o potencial de uma escalada e de desentendimento só cresce dia após dia — afirmou o porta-voz da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (Unifil), Andrea Trenti. — A implementação da 1701 só poderá ser feita com o compromisso das partes. Sem o compromisso, será muito difícil implementar a resolução.

O porta-voz diz que, antes de 8 de outubro, a situação entre os países — o Líbano foi palco de uma guerra em 2006 entre Israel e o Hezbollah — dava sinais de avanço, inclusive com reuniões tripartites quase mensais, com o Exército libanês e as FDI.

precupante, porque após cinco meses de guerra, o potencial de uma escalada e de desentendimento só cresce dia após dia — afirmou o porta-voz da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (Unifil), Andrea Trenti. — A implementação da 1701 só poderá ser feita com o compromisso das partes. Sem o compromisso, será muito difícil implementar a resolução.

O porta-voz diz que, antes de 8 de outubro, a situação entre os países — o Líbano foi palco de uma guerra em 2006 entre Israel e o Hezbollah — dava sinais de avanço, inclusive com reuniões tripartites quase mensais, com o Exército libanês e as FDI.

SOLUÇÃO NEGOCIADA

Na linha de frente, é mais difícil convencer que uma solução negociada vá ocorrer. Para Sarit, a preocupação é de que a via diplomática faça as autoridades baixarem a guarda, desmobilizando os soldados que protegem a região e permitindo que o Hezbollah ataque em um momento em que julgue ter a vantagem da surpresa.

— Como alguém que vive no norte, tenet de tomar conta da minha segurança. Sempre andei perto da fronteira e nunca tive uma arma, mas talvez compre uma, construa uma cerca nova — reflete. — Não penso em ir embora, pelo menos não agora. Vivo a 8 km da fronteira. O Hamas avançou 12 km para dentro de Israel.

*Viagem feita a convite da StandWithUs, organização internacional de educação que apoia Israel e combate o antissemitismo